

AS MARCAS DE PROVENIÊNCIA DA COLEÇÃO CELSO CUNHA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR¹

Resumo: O presente artigo versa sobre a identificação das marcas de proveniência existente nos materiais bibliográficos que pertenceram ao eminente gramático, filólogo e medievalista professor Celso Cunha (1917-1989), essa coleção foi adquirida em 26.07.1991 e integra as coleções especiais da Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O inventário das marcas de proveniência de cada item que compõe a coleção supracitada está sendo desenvolvido desde 2017 e, até o momento, foram constatadas 2.011 anotações manuscritas, 619 carimbos, 671 assinaturas e 3.126 dedicatórias. O período de cobertura da Coleção compreende os anos de 1533 até 1989. A coleta de dados do corpus nos permitiu identificar: etiquetas de livrarias, anotações manuscritas, *ex-libris* e dedicatórias. Conclui-se que as marcas de proveniência são elementos que permitem estabelecer o itinerário geográfico e intelectual das publicações e identificar a quem pertenceu o livro, seus leitores, contextualizar no tempo e no espaço o seu proprietário. Permitem múltiplas possibilidades de pesquisa a partir da sua identificação e divulgação. Esse estudo aprofundado do acervo propicia a valoração do patrimônio bibliográfico da coleção além de dar maior segurança patrimonial em casos de furto ou roubo com descrição detalhada das marcas da coleção.

Rosângela Coutinho da Silva
Doutoranda em Letras Neolatinas
UFRJ
orcid 0000-0002-2879-3431
rosangelacoutinho1@gmail.com

Palavras-chave: Cunha, Celso (1917-1989). Dedicatórias. Marcas de Proveniência. Coleções especiais do SIBI/UFRJ.

THE PROVENANCE MARKS OF THE CELSO CUNHA COLLECTIONS: A PRELIMINARY ANALYSIS

Abstract: This paper deals with the identification of the provenance marks in the library of the professor, philologist and medievalist Celso Cunha (1917-1989). This collection acquired in July 26th 1991, integrates the special collections of the José de Alencar Library of the Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). The inventory of the provenances of each item that makes up the collection is being developed since 2017 and, so far, 2,011 handwritten annotations, 619 stamps, 671 signatures and 3,126 dedications have been verified. The coverage period of the Collection comprises the years from 1533 to 1989. The data collected from the corpus allowed us to identify bookstore labels, handwritten annotations, *ex-libris* and dedications. We conclude that the provenance elements that allow us to establish the geographical and intellectual itinerary of the publications and identify to whom the book belonged, its readers, contextualize in time and space its owner. They allow multiple research possibilities based on their identification and dissemination. This in-depth study of the collection provides the valuation of the bibliographic heritage of the collection in

¹ Texto apresentado originalmente de forma oral na 14ª Sessão do Ciclo de Palestras “As marcas de proveniência e a cultura material” em 20 de outubro de 2020.

addition to providing greater asset security in cases of theft or robbery with detailed description of the collection's marks.

Keywords: Cunha, Celso (1917-1989). Dedications. Provenance marks. Special collection.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo iniciou-se no final de junho de 2017 com a realização do inventário da Coleção Celso Cunha. Depois de sucessivos ataques por cupins, brocas, roedores e micro-organismos, decidiu-se inventariar o acervo com o objetivo não só de quantificar o que ainda tínhamos do acervo inicial, mas também de identificar as marcas de proveniência da coleção na perspectiva de que isso viesse a contribuir para a valoração desse conjunto bibliográfico.

Devido à pandemia de Covid-19, o inventário ainda não pôde ser concluído, o trabalho precisou ser paralisado e, por enquanto, está sem data para retorno: somente os livros foram inventariados até este momento, resta ainda inventariar a coleção de periódicos e folhetos.

Em 2019, a partir do convite do professor Fabiano Cataldo de Azevedo para participar da 1ª Jornada de Pesquisa sobre Marcas de Proveniência Bibliográfica, realizada no Museu Naval, da cidade do Rio de Janeiro, em 18 de novembro de 2019, pelo projeto de pesquisa “A Eloquência dos Livros: marcas de proveniência bibliográfica”, esse estudo inicial foi apresentado pela primeira vez aos membros do grupo de pesquisa. E, posteriormente, de forma remota, no Ciclo de Palestras “As Marcas de Proveniência e a Cultura Material”, em outubro de 2020.

Atualmente, o estudo das marcas de proveniência bibliográfica da Coleção Celso Cunha encontra-se em desenvolvimento como parte de uma pesquisa de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ (PPGLEN/UFRJ). O resultado preliminar desse trabalho é o que iremos apresentar nesse artigo.

2 O PROFESSOR CELSO CUNHA

Celso Ferreira da Cunha era mineiro, nascido na cidade de Teófilo Otoni em 10 de maio de 1917 e falecido, no Rio de Janeiro, em 14 de abril de 1989. Passou sua infância e

juventude no Rio de Janeiro, onde permaneceu por toda a vida, ausentando-se somente para cumprir compromissos profissionais.

Filho de Tristão Ferreira da Cunha e de Júlia Versiani da Cunha, era o primogênito de sete irmãos. Casou-se em 1942, com Cinira Figueiredo, sua companheira de toda a vida. Teve cinco filhas, uma seguiu a carreira do pai. Quando Celso Cunha faleceu, deixou onze netos.

Graduou-se em Direito, em 1938, pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mas nunca exerceu a profissão. Licenciou-se em Letras Clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFfi), que absorvera, em 1939, a Universidade do Distrito Federal (UDF), por meio do Decreto nº 1063, de 20 de janeiro de 1939.

Aos 17 anos, iniciou a carreira docente no Colégio Pedro II, onde tornou-se professor catedrático, em 1952, substituindo Antenor Nascentes na cátedra de Língua Portuguesa; cinco anos depois, sucedeu a Sousa da Silveira na cátedra de Língua Portuguesa da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi). Sobre sua aprovação por concurso de provas e títulos nas duas cátedras de maior prestígio e tradição no Rio de Janeiro declarou:

[...] a providência divina nos excessos de sua liberalidade para comigo poderia cumular-me ainda com outros e honrosos cargos, mas que nenhum me renovaria o prazer daquela hora em que considerava plenamente atingido o ideal de minha vida, concluso o plano que lhe traçara quando frequentava os bancos universitários- e que acabava de cumprir sem desfalecimento-, plano cuja meta era simplesmente a conquista, pelas estradas largas e democráticas da competição pública, de duas das cátedras de maior responsabilidade do ensino da língua do país: a do Colégio Pedro II, a representar a tradição centenária enobrecida pelos filólogos do passado; a da Faculdade Nacional de Filosofia, a esperança no destino dos estudos do idioma na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. [...] fui alçado a altos postos no país e no estrangeiro, mas nunca mais senti igual plenitude e felicidade (CUNHA, 2004, p. 419-420).

Lecionou por quase 40 anos, participou da comissão de criação dos cursos de pós-graduação e foi chefe de Departamento de Letras Vernáculas na Faculdade de Letras da UFRJ. Foi o primeiro decano do Centro de Letras e Artes (CLA), Sub-Reitor de Ensino para Graduados e Pesquisa, Sub-Reitor de Ensino, Graduação e Corpo Discente, Sub-Reitor de Patrimônio, Finanças e Serviços Gerais da UFRJ.

Defendeu nas reuniões do Conselho de Ensino e Graduação da UFRJ (CEG/UFRJ), enquanto decano, a criação de um Instituto Nacional de Restauro ou centro voltado à

conservação e à restauração das publicações da Universidade. Conforme pesquisa de doutoramento da professora Ana Paula Correa, defendia a existência de um Instituto de Patologia do Livro, nos moldes dos que existiam em Roma e Madri.

Ocupou relevantes cargos públicos: Diretor da Biblioteca Nacional, Membro do Conselho do Instituto Nacional do Livro, Secretário de Educação e Cultura do Governo Provisório do Estado da Guanabara, Membro do Conselho Federal de Educação, do Conselho Federal de Cultura e da Academia Brasileira de Letras. Assumiu também a Coordenação do Núcleo de Preservação e Patologia do Livro (PRODELIVRO) e foi membro da Comissão Nacional para Aperfeiçoamento do Ensino/Aprendizagem da Língua Materna. Para Carvalho (1996, p. 204):

Celso Cunha fez perpassar seu saber por inúmeras instituições, quer voltadas para a cultura (CFC), quer para a educação (CFE), quer para o ensino (colégio Pedro II, FNFi, FL, entre outros). Assim, acumulou vivência ímpar, uma vez que pode trabalhar com seu objeto permanente de estudo, a língua portuguesa, como gestor e como agente, pois, ao lado do desempenho como profissional da área, professor de sala de aula, pesquisador e autor de livros didáticos, participou das decisões dos órgãos onde teve assento ou, até mesmo, delas se incumbiu solitariamente quando lhes exerceu a direção.

Foi membro de academias e sociedades científicas do Brasil e de outros países: Academia Brasileira de Letras (ABL); Academia Mineira de Letras; Academia de Letras de Teófilo Otoni, Academia Brasileira de Filologia; Círculo Linguístico do Rio de Janeiro; PEN Clube do Brasil; Academia das Ciências de Lisboa; Sociéte de Linguistique de Paris; Sociéte de Linguistique Romane; Association Internationale de Sémiotique; Hispanic Society of America; Asociación de Linguística y Filología de América Latina; Oficina Internacional de Información y Observación del Español (PEREIRA, 1995, p. VI).

Coordenou projetos de estudo, recebeu vários prêmios e condecorações nacionais e internacionais:

O Prêmio José Veríssimo de ensaio e erudição, conferido pela ABL, pelo livro “O Cancioneiro de Martin Codax” (1956); o Prêmio Paula Brito (O homem público e o livro), da prefeitura do antigo Distrito Federal (1958); Prêmio Moinho Santista de Filologia (1983), pelo conjunto da obra; [Condecorações:] Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito Educativo (Brasil); a de Chevalier de La Légion d’Honneur (França); a de Oficial da Ordem de Sant’Iago da Espada (Portugal); a de Caballero com placa de La Orden de Alfonso X, El Sábio (Espanha); a Commendatore dell’Ordine al

Merito Italiano (Itália); Medalha de Honra da Inconfidência do Governo de Minas Gerais e a Medalha Barão do Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores (PEREIRA, 2011, p. 28-29).

Recebeu vários títulos por suas atividades acadêmicas na Filologia e na Linguística, além de participar de eventos universitários na área de letras: congressos, colóquios, seminários e conferências:

Recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Granada (Espanha), em 1959. Foi Leitor de “Études Brésiliennes” e de “Philologie Portugaise” na Universidade de Paris-Sorbonne (1952-1955), para onde retornou mais tarde na qualidade de professor associado de Linguistique et Littérature Ibero-Americaine (1970-1972) e de Linguística Portuguesa e Literatura Brasileira (1982-1983). Em 1966, foi professor visitante (*GastProfessor*) na Universidade de Colônia (Alemanha); orientador de seminários sobre História da Língua Portuguesa do século XIII ao século XVI, na Universidade Clássica de Lisboa (1986)” (PEREIRA, 2011, p. 18-19). (ver Figura 1)

Fig. 1 - Celso Cunha recebe título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Granada.



Fonte: Arquivo pessoal de Celso Cunha

Para Barbosa Lima Sobrinho, era um cientista da linguagem, um homem que sabia a fundo todos os segredos da formação do idioma. Gramático, filólogo, linguista, medievalista, dialetólogo, pesquisador literário, estudou detidamente todos os dialetos que dele resultaram.

A produção científica de Celso Cunha apresenta-se em três principais vertentes: filológica, linguística e didática. Na primeira, a lírica trovadoresca, a versificação galego-portuguesa medieval e a crítica textual. Na segunda, a Linguística, o estudo dos problemas da língua relacionados à norma, pelas diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal, e

ainda pela situação da Língua Portuguesa no mundo e a dos crioulos de base portuguesa; e na terceira, a didática, com o ensino da Língua Portuguesa (PEREIRA, 2011).

Em 1997, em comemoração aos 80 anos do professor Celso Cunha, o Departamento de Letras Vernáculas lhe prestou homenagem. Em 1999, a Biblioteca Nacional organizou uma exposição comemorativa pela passagem dos 10 anos de seu falecimento, intitulada “Celso Cunha: dez anos de saudade”. Por essa ocasião, a sala de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro passou a chamar-se “Sala de Manuscritos Celso Cunha”. Além disso, foi publicado pela Imprensa Nacional e pela Casa da Moeda de Lisboa o livro *Cancioneiro dos Trovadores do Mar*, que reuniu os cancioneiros: Paay Gómez Charinho, Joan Zorro e Martin Codax.

Por fim, Celso Cunha foi um professor respeitado por seus pares e por seus alunos, que se dedicou à pesquisa acadêmica na área das Letras, foi filólogo, linguista, medievalista, camonista, literato, participou de academias, sociedades científicas, instituições públicas, coordenou projetos de estudo da Língua Portuguesa, recebeu prêmios, condecorações, homenagens, títulos e, como bibliófilo, devotado à sua biblioteca, formou um dos acervos bibliográficos particulares mais cobiçado do país: “[...] o bibliófilo que com sacrifício construiu, manteve e sustentou a sua biblioteca, que invadiu todos os cômodos da sua casa, do chão ao teto, o que bem retrata a plenitude do seu saber não estreitado pelos limites da especialização” (PEREIRA, 1995, p. XIV).

3 A COLEÇÃO CELSO CUNHA

A biblioteca particular do professor Celso Cunha foi adquirida pela UFRJ com o objetivo de proporcionar à comunidade universitária o estudo e a pesquisa em material bibliográfico especializado na área de Letras.

A importância desse acervo para as pesquisas acadêmicas realizadas por pesquisadores da área da Filologia e demais ciências literárias que lidam com muitos percalços para encontrar manuscritos e primeiras edições dos textos de seu interesse, justifica-se por se tratar de publicações originais e únicas, desejada pela raridade das obras que integram o seu acervo e pelo preciosismo das suas encadernações.

O valor das obras que integram essa coleção foi evidenciado pelo depoimento de um pesquisador desse acervo, reproduzido abaixo, após importante descoberta de uma obra na coleção (OLIVEIRA, 2016, [não paginado]):

[...] Empreendi desde o início de minha graduação uma pesquisa sobre o estilo barroco e, em meados do ano passado, iniciei uma verdadeira caçada ao tratado de literatura de Francisco Leitão Ferreira. A “Nova arte de conceitos” é, de longe, o tratado mais completo em língua portuguesa sobre os saberes e concepções da literatura dos séculos XVII e XVIII. Já sabia da importância de Leitão Ferreira para as Letras setecentistas, legível em alguns discursos e poemas disponíveis na Internet. Mas, um importante ensaio do Professor Christopher Lund foi fundamental para a compreensão e interesse pelo tratado. Resolvi ir atrás do tratado. Ele não está digitalizado, como outras centenas de obras de grande importância. Aconselharam-me a buscar em bibliotecas portuguesas. Dito e feito: havia dois exemplares disponíveis em duas diferentes bibliotecas, onde o Professor Lund ocupou seu tempo com a leitura do tratado. [E] na biblioteca de UFRJ. Saltei ao observar que constava um exemplar de cada volume da “Nova arte de conceitos” no acervo pessoal deixado pelo excelso filólogo e Professor, Celso Cunha. Pude visitar a biblioteca e conferir os exemplares, cujas folhas gastas pela umidade poderiam comprometê-los de todo. O zelo e a pesquisa dos funcionários são as únicas ferramentas que mantêm o acervo de pé. Estava contente pelo achado e triste por observar que as condições de conservação poderiam vitimizar o único exemplar público no Brasil do importantíssimo tratado.²

As negociações para que a biblioteca do professor Celso Cunha viesse a integrar os acervos da Faculdade de Letras da UFRJ iniciaram-se em novembro de 1990. Nesse período, a Congregação da Faculdade aprovou um documento, em nome do colegiado, manifestando o seu interesse na aquisição, para ser encaminhado ao Reitor da UFRJ, conforme consta da ata da 195ª sessão da Congregação, de 14 de novembro de 1990.

A viúva, Cinira Ferreira da Cunha, manifestou por carta, seu agrado, ao saber do interesse da UFRJ pela compra da biblioteca particular do professor Celso Cunha.

Na mesma ocasião outras intuições demonstraram interesse em comprá-la. A Universidade da Califórnia, em Berkely, nos Estados Unidos, e a Universidade de Campinas (UNICAMP), que propôs à família o respeito à integridade da coleção que seria instalada no Setor de Coleções Especiais da Biblioteca Central, com as bibliotecas do Sérgio Buarque de Holanda, Antônio Cândido, Alexandre Eulálio e Paulo Duarte, em ambiente climatizado.

Após visita técnica para avaliação da biblioteca, foi recomendada a aquisição do acervo, dado o valor de seu conteúdo e o estado de conservação das publicações. Na visitação, a família

² Depoimento de Phelipe de Oliveira, enviado por *e-mail* à Biblioteca José de Alencar, em 24 de março de 2016.

informou que a coleção era mantida em uma organização lógica adotada pelo professor. E que foi acomodada na ordem originária quando instalada na Faculdade de Letras da UFRJ, conforme orientação da família e do Reitor Nelson Maculan Filho, que providenciou para que a biblioteca fosse reproduzida sem qualquer alteração do seu original. Ela foi adquirida pela UFRJ em 26 de julho de 1991, pelo valor de US\$ 550.000,00 ao câmbio do dia, considerando para conversão o valor do dólar comercial, pagos em uma única parcela.

Foi constituída uma comissão na Universidade para instalação da Biblioteca na Faculdade de Letras da UFRJ, com a finalidade de garantir a reconstituição do ambiente e do espaço de trabalho do professor Celso Cunha, tal qual era em sua residência.

Na perspectiva de manter-se a ordem lógica originária de organização das publicações foi contratada a empresa particular Collecta para efetuar o encaixotamento e o registro das obras da coleção na residência da família. Utilizou-se para catalogação, um número automatizado, desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ (NCE/ UFRJ) para registro patrimonial do acervo. Esse serviço se iniciou em dezembro de 1991 e foi concluído em abril de 1992.

A transportadora Metropolitan foi a empresa contratada para realizar a transferência do acervo da Biblioteca Celso Cunha para a Faculdade de Letras da UFRJ. A mudança ocorreu em três etapas. A empresa Collecta acompanhou todo o traslado, supervisionando e controlando a entrega até o seu destino, acompanhada por um bibliotecário do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ (SiBI/UFRJ).

As obras de preparação da Sala Professor Celso Cunha tiveram início em 13 de abril de 1992. Muitos problemas ocorreram nesse período, levando a várias paralisações do serviço e, conseqüentemente, ao atraso da sua conclusão, que só foi realizada em novembro de 1994.

A Sala Professor Celso Cunha teve duas inaugurações: a primeira, em 22 de novembro de 1994, quando foi entregue o espaço que abrigaria a coleção e, depois, em 13 de novembro de 1995, quando foi finalmente aberta ao público para consulta local ao acervo.

A Coleção Celso Cunha integra as coleções especiais da Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da UFRJ. Essa Biblioteca é considerada uma das maiores bibliotecas de Letras da América Latina em relevância e em quantitativo de acervos. Idealizada pelo professor Afrânio Coutinho, primeiro Diretor *Pro-Tempore* da Faculdade de Letras da UFRJ, foi inaugurada em 9 de abril de 1969, no Pavilhão da Exposição Portuguesa, à Avenida Chile, no

centro do Rio de Janeiro, e reinaugurada em março de 1985, no *campus* universitário da Ilha do Fundão.

Conforme a base de dados gerencial BAGER do SiBI/UFRJ de 2019, o acervo da Biblioteca José de Alencar é composto por 507.360 títulos e 917.493 volumes entre: livros, periódicos, teses, dissertações e materiais especiais. Constituído por doações e aquisições de coleções particulares de relevância bibliográfica destacam-se as que pertenceram a Afrânio Coutinho, Celso Cunha, Serafim da Silva Neto, Eugenio Gomes (Coleção Shakespeareana), Thiers Martins Moreira (Coleção Camoniana), Bastos Tigre, Adir Guimarães (ABL), Arnaldo Faro (Eciana), Bella Jozef, entre outros.

A Coleção Celso Cunha possuía originariamente 25.000 volumes, depois da realização de inventário, percebeu-se uma redução nesse quantitativo, até a presente data está quantificada em aproximadamente 22.000 títulos entre livros, periódicos, separatas, folhetos e manuscritos, além de medalhas, diplomas, condecorações, prêmios, fotos, mobiliário, estatueta, máquina de escrever, vasos e indumentária que descrevem a trajetória acadêmica e intelectual do professor (ver Figura 2).

Fig. 2 - Imagens do acervo móvel da Coleção Professor Celso Cunha.



Fonte: Pesquisa de campo realizada em maio de 2020.

Essa coleção está reunida em espaço próprio, separada dos demais acervos da Biblioteca José de Alencar, conforme estabelecido em contrato de compra e venda à Universidade. Ela reproduz o gabinete do professor Celso Cunha, reconstituído com o mobiliário original de sua biblioteca particular tal qual se via em sua casa (ver Figura 3).

Fig. 3 - Reprodução do gabinete do professor Celso Cunha.



Fonte: Pesquisa de campo realizada em maio de 2020.

O acervo é especializado nas áreas da Filologia, Linguística, Medievalismo (lírica medieval), Dialectologia e Literatura. Possui primeiras edições brasileiras, portuguesas,

cancioneiros, crítica textual, literatura galega, filologia portuguesa e espanhola, dicionários, enciclopédias e manuscritos. Parte substancial está encadernada em couro-de-cabra e papel marmorizado francês, com o nome do autor e título da obra gravados em ouro na lombada.

O professor Celso Cunha caracterizava sua biblioteca como funcional por reunir áreas temáticas e campos de seu interesse: Idade Média, poesia medieval, versificação, trovadores, português do Brasil, ou seja, voltada para os estudos sobre a formação da língua brasileira. Em sessão na Academia Brasileira de Letras confessou, certa vez, que estava escrevendo a história da língua portuguesa no Brasil, que, infelizmente, não pôde concluir dada a sua morte precoce. Preocupava-se em manter a unidade e a formação de sua biblioteca voltada para o trabalho no campo das Letras. Chegou a manifestar à família, ainda em vida, que gostaria que a sua coleção não fosse desmembrada, permanecesse no Rio de Janeiro e fosse adquirida por uma universidade. O que terminou acontecendo quando a UFRJ optou por comprá-la.

Costumava dizer que investiu tudo que ganhou na vida na formação e preservação de sua biblioteca. Dispunha de isolamento especial contra umidade em sua residência, na intenção de assim conservar por mais tempo o acervo como fontes de estudos, pesquisa e produção de conhecimento.

Os amigos destacam a simbiose do colecionador com sua biblioteca. Antônio Houaiss em sessão na Academia Brasileira de Letras foi um defensor da integralidade desse acervo por acreditar ser essencial para o entendimento da formação e percurso de Celso Cunha:

[...] uma das presenças físicas dele [Celso Cunha] é essa biblioteca que ele deixa e que será um crime se for mutilada ou esfacelada. Esse é um dos reptos de honra que uma casa de cultura como esta deve ter pela frente. Que ela se preserve como está, porque é extremamente seletiva. Os 20 mil títulos que encerra, ou para mais, são títulos inarredáveis daquele contexto. São títulos escolhidos, carinhosamente, com o máximo de critério possível, compondo um acervo importante da bibliografia brasileira, no interesse da Filologia e da Linguística. [...] Cada um desses foi, ao longo dos anos devida de Celso Cunha, acarinhado e acariciado, como se filhos seus. [...] Creio que esse é um ponto de honra a que nos devemos empenhar. Se a Academia Brasileira de Letras pode ter algum prestígio em prol da cultura, deve empenhar-se para que a biblioteca não seja de modo algum esfacelada (HOUAISS, 1989, p. 63).

Corroborando com essa perspectiva, Josué Montello reiterou em mesma sessão da Academia:

Acho que deve partir da nossa Casa o propósito, a sugestão, no sentido de que não se retire do Rio de Janeiro a biblioteca de Celso Cunha. A Academia não pode ser indiferente a esse tesouro fundamental do saber literário e de saber linguístico, que é aquele patrimônio extraordinário, espelho e estuário de toda uma vida. [...] Celso Cunha [...] passou a vida debruçada sobre textos fundamentais da língua, com a preocupação, não tanto de ensinar, mas, sobretudo, de saber, porque ele tinha uma curiosidade intelectual permanente, cujo espelho e cujo testemunho é a sua extraordinária biblioteca (MONTELLO, 1989, p. 66).

Revelava-se um bibliófilo de gosto apurado, pela beleza do exemplar, pela maneira que encadernava os livros de sua biblioteca. Tinha a fama de colecionador de acervos raros envolvida por essa peculiaridade: “Eu tenho na minha coleção, só em encadernações em couro de cabra e papel francês Cr\$ 5 milhões de cruzeiros, e este é meu único patrimônio. Deixei de adquirir muitas outras coisas para comprar livros e é só isso que posso deixar para meus filhos” (LESSA, 1979, p.22). De acordo com Salles Filho (1995, p. LXVII):

[...] Gostava de mandar encadernar os seus em encadernador de talento, dando preferência por encadernações preciosas em pele de cabra, que procurava onde quer que fosse e estimando sem reserva papel francês nas encadernações. Deixou, assim, uma biblioteca inestimável (SALLES FILHO, 1995, p. LXVII).

Não gostava de anotar em seus livros por isso a biblioteca é pouco anotada: “à margem, fazia minúsculas anotações a lápis para não macular a obra” ou, como recorda a filóloga italiana Luciana Stegagno Picchio, “para não enfeiar o livro” (PICCHIO, 1995, p. X).

Para Castro, a razão de não anotar era “para não reduzir o seu valor bibliográfico, o qual se empenhava em realçar com encadernações primorosas, usando peles compradas por atacado na Argentina e folhas de ouro trazidas de Paris” (CASTRO, 1993, p. 23). Ivo Castro dizia que Celso Cunha tinha todos os vícios de um bibliófilo vorazmente aquisitivo e colecionista.

Ganhou notoriedade no meio intelectual também por sua biblioteca particular: os seus mais de 25 mil volumes ocupavam sala, corredor e quatro quartos de seu apartamento. Algumas estantes, além de darem lugar para duas fileiras de livros, eram formadas por dois conjuntos: um colado à parede, outro correção na frente do primeiro, formando fileiras duplas (LESSA, 1979, p. 22).

Adquiriu e manteve completas e encadernadas as principais revistas nas áreas da filologia românica, crítica textual, dialetologia, etnografia, poética, literatura e comunicação.

Entre elas, podemos mencionar a revista *Zeitschrift für Romanische Philologie*, fundada por G. Gröber, dirigida posteriormente por K. Baldinger e publicada em Tübingen, desde 1877:

[...] a biblioteca do Doutor Celso, previa tudo, todas as repartições, aqui as revistas filológicas, as antigas e as modernas, aqui as gramáticas, no corredor a literatura brasileira embora as preciosidades ficassem ali no escritório, sob contínuo controle do dono. E depois lá no alto as primeiras edições conquistadas pelo bibliófilo em lides cruéis com os amigos concorrentes. Um bibliófilo não recua perante qualquer dificuldade. Tem fichário? – Lhe perguntavam os amigos. Teoricamente sim, respondia ele, mas como quem nunca precisaria de fichário, tanto menos, isto já em eras mais recentes, de informatização, pois os livros ele os conhecia a todos na intimidade, de apalpação amorosa; bastava que um mudasse de lugar e logo ele repararia (PICCHIO, 1995, p. X).

De acordo com Pereira (2011), Celso Cunha conhecia todo o seu acervo em detalhes apesar de não ter fichário. Sabia, de memória, localizar qualquer publicação em sua biblioteca. Relata que certa vez no exterior precisando consultar uma obra, pediu ajuda à filha, oferecendo à distância detalhes sobre a localização da publicação na estante.

4 MARCAS DE PROVENIÊNCIA DA COLEÇÃO CELSO CUNHA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

O período de cobertura da Coleção Celso Cunha é de 1533 a 1989. Possui 21.632 livros compreendidos entre os séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, mais de 12.000 títulos são primeiras edições, pouco mais de 2.000 possuem anotações manuscritas e mais de 3.000 estão com dedicatórias manuscritas.

A Coleção Celso Cunha reflete a sua trajetória de atuação acadêmica e de pesquisa, e como educador e gestor de políticas públicas em defesa da língua portuguesa. Carregada de sua subjetividade, é possível reconstruir a vida do professor nos aspectos político, público, social e cultural a partir dela – sobretudo por ter sido mantida a lógica de ordenação de organização da biblioteca particular do filólogo, isto é, os livros foram retirados e numerados de acordo com a mesma distribuição feita por ele. Sendo assim, o acervo constituído resulta em um reflexo fragmentado do pensamento do professor Celso Cunha. Um testemunho dele mesmo.

O colecionador ao anotar em seus livros, dedicá-los a alguém, interpõe marcas que o diferenciam de outros exemplares, tornando-os únicos. Além disso, essas marcas podem trazer ao leitor as relações pessoais do proprietário com a sociedade do período em que viveu.

Durante a realização do inventário da Coleção Celso Cunha, identificamos as marcas de proveniência e propriedade do acervo bibliográfico, entendidas aqui como fragmentos de memória do filólogo: papéis avulsos com anotações manuscritas dentro de seus livros, cartões de visita, cartões postais, bilhetes, cartas, fotos esquecidas, marcas de leitura, selos de livrarias, etiquetas de encadernadores, assinaturas, dedicatórias, *ex-libris*, carimbos, enfim, rastros dessa convivência íntima e silenciosa com a sua biblioteca particular, vestígios desse pertencimento. Concebeu um acervo especializado na área das Letras, importante de se organizar e disseminar dada a escassez de materiais e a dificuldade de pesquisadores para encontrar publicações referente a essa temática. Neste sentido as bibliotecas particulares se colocam como alternativas de aquisição, de atualização e de complementação de acervos bibliográficos nas bibliotecas universitárias.

As coleções particulares fomentaram os desenvolvimentos dos acervos das bibliotecas universitárias, principalmente, quando se considera a ausência de recursos para compra de publicações nesses espaços. A Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da UFRJ é um exemplo disso, pois grande parte de seu acervo formador foi constituídos por essas doações.

Além disso, notamos obras de assuntos relacionados a funções e cargos públicos que ele exerceu e, obviamente, temáticas relacionadas às suas linhas de pesquisa e estudo.

As marcas de proveniência são elementos que permitem estabelecer o itinerário geográfico e intelectual das publicações. Identificar a quem pertenceu o livro, seus leitores, contextualizar no tempo e no espaço o seu proprietário. Permitem múltiplas possibilidades de pesquisa a partir da sua identificação e divulgação. Esse estudo aprofundado do acervo propicia a valoração do patrimônio bibliográfico da coleção além de dar maior segurança patrimonial em casos de furto ou roubo com descrição detalhada das marcas da coleção.

O trabalho de identificação das marcas de proveniência da Coleção Celso Cunha começou com o inventário iniciado em 2017 e ainda não concluído, devido o atual cenário pandêmico que vivenciamos. Em termos quantitativos, até o momento foram constatadas 2.011 anotações manuscritas, 619 carimbos, 671 assinaturas e 3.126 dedicatórias. O resultado preliminar desse levantamento é o que iremos apresentar mais adiante.

Essa investigação também foi realizada em uma pequena amostra constituída por 413 livros arrolados no processo de compra da coleção e por obras que estiveram na exposição “Celso Cunha: dez anos de saudade”, na Biblioteca Nacional, em 1999. Ela integra o diagnóstico de análise material das publicações do acervo bibliográfico, efetuado no período

de março a julho de 2018, como parte integrante da dissertação de mestrado “Sob a pele dos livros da Coleção Professor Celso Cunha”, desta autora, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz Fiocruz.

Ao iniciarmos o levantamento das marcas de proveniência, vimos, pelas etiquetas, que muitos de seus livros eram procedentes de países nos quais o professor Celso Cunha havia trabalhado ou para onde havia viajado por conta de compromissos profissionais: Lisboa, Porto, Madri, Paris, Colônia na Alemanha, Galiza, Florença, Bogotá, Buenos Aires, entre outras cidades e países a que ele viajava frequentemente por conta de compromissos profissionais. Reconstituindo a circulação desse acervo bibliográfico, por meio das etiquetas localizadas nas obras, destacamos três livrarias como exemplos apresentadas abaixo: a Livraria Acadêmica, Omundo do Livro e Libreria Follas Novas (ver Figura 4).

Fig. 4 – Etiquetas de livrarias.



Fonte: fotos da autora

A Livraria Acadêmica está localizada na Rua dos Mártires da Liberdade, na cidade do Porto, em Portugal. É uma livraria antiquária, centenária, fundada em 16 de novembro de 1912, pelo livreiro Joaquim Guedes da Silva, que foi um importante interlocutor dos renascentistas portugueses, que junto dele colhiam notícias das novidades literárias e partilhavam saberes relacionados a livros e autores portugueses e estrangeiros. Conhecida por reunir em seu espaço poetas, professores, escritores, artistas, figuras públicas e vultos da Renascença Portuguesa que frequentavam com assiduidade o local. Depois da morte de Joaquim Guedes da Silva passou a ser administrada por Nuno Canavez, seu atual proprietário.

O Mundo do Livro está localizado no Largo da Trindade junto à Rua da Misericórdia, na cidade de Lisboa, em Portugal. Foi fundada por João Rodrigues Pires, livreiro centenário

que, juntamente com seu irmão, abriu essa livraria na rua Nova Trindade, em 1945. Especializada em livros antigos, grande parte deles de autores portugueses, possui documentos sobre a história e cultura de Portugal, desenhos, manuscritos, mapas antigos, gravuras antigas e modernas, aquarelas, quadros e um ateliê de molduras.

Libreria Follas Novas é uma das maiores livrarias da Espanha: possui quase mil metros quadrados dedicados a todos os gêneros de livros. Teve seu nome retirado da coleção de poemas da escritora e poetisa galega Rosalia de Castro. Fundada em 7 de dezembro de 1971, por três padres na cidade de Santiago de Compostela na Espanha, especializada inicialmente somente em livros universitários, tornou-se também, uma editora importante na Galiza e para o galego. Um dos padres fundadores, Rafael Silva Costoyas, deixou a carreira eclesiástica para dirigir a livraria e sua editora, tornando-se um livreiro respeitado pela sua experiência e conhecimento.

Foram identificados também alguns *ex libris* na coleção. De acordo com Machado (2014, p. 11), ele se define como:

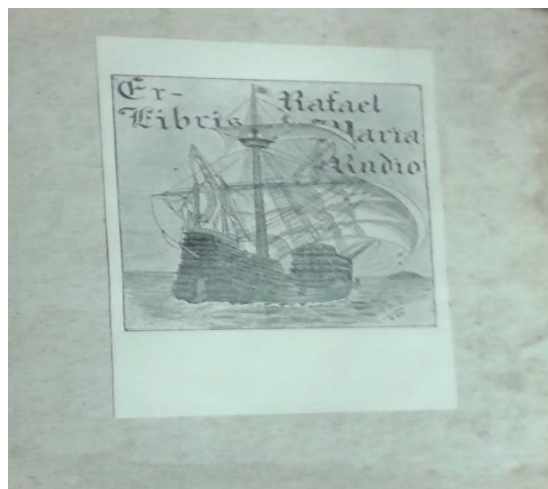
[...] uma expressão latina, formada pelo ablativo plural de liber (libris) e a preposição indicativa de proveniência [...] que se traduz por “dos livros de” [...] Em sentido abrangente significa marca de posse de um livro, expressa através de assinatura, carimbo, etiqueta ou outro meio qualquer. No sentido restrito, que se impôs a partir do final do século XIX, é uma pequena gravura, emitida em série, que se cola na contracapa ou na guarda do livro, como símbolo de propriedade, na qual figuram a expressão ex-libris, uma ilustração (brasão, monograma, alegoria etc.), o nome do titular e uma divisa, nenhum desses itens sendo obrigatório.

Dentre os *ex-libris* localizados em algumas publicações destacamos os que pertenceram a Ricardo Xavier da Silveira, a Rafael Maria Rudio, a Álvaro Simões Corrêa, a Bernard Pottier e um de pertencimento ainda não identificado, apresentados abaixo (ver Figura 5).

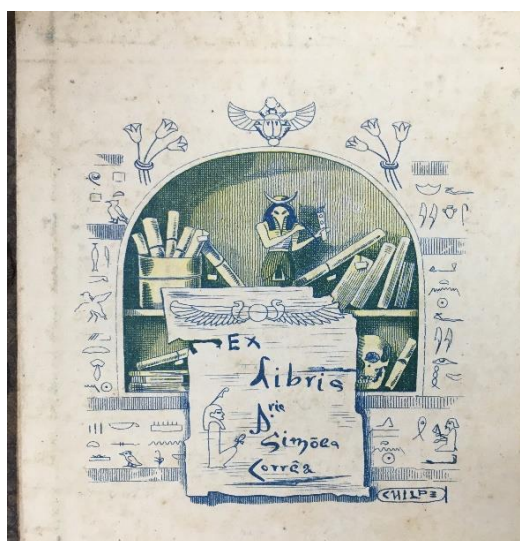
Fig. 5 - *Ex-Libris* da Coleção Celso Cunha.



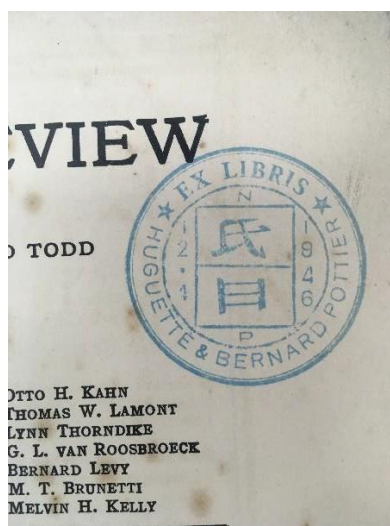
5A



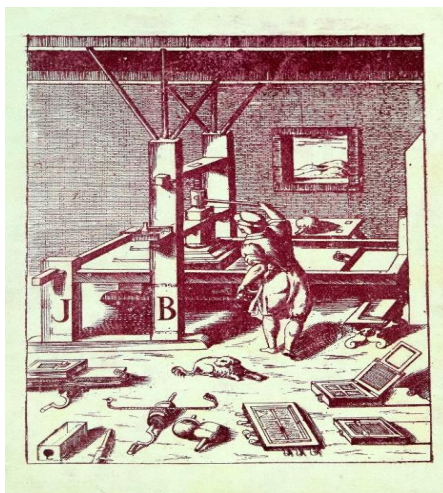
5B



5C



5D



5E

Fonte: Pesquisa de campo realizada em maio de 2020.

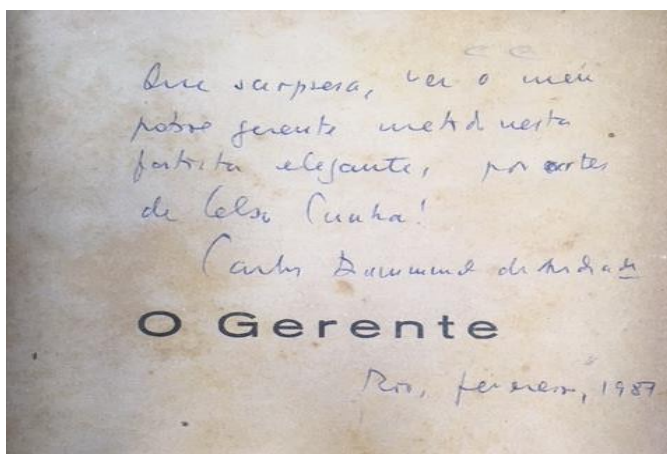
O *ex-libris* de Ricardo Xavier da Silveira, na figura 5A, “Divisa Attacco la mia caretta nelle stelle, MCMXXXVII - Amarro minha carruagem às estrelas, 1937”, foi criado por Alvarus, pseudônimo do carioca Álvaro Cotrim, desenhista, caricaturista, escritor, jornalista, professor e historiador da arte brasileira. Ricardo Xavier da Silveira era bibliófilo, colecionador, membro da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. A segunda imagem a direita (5B), “Navio/Barco”, refere-se ao *ex-libris* do colecionador Rafael Maria Rudio da cidade de Extremoz, de Portugal. A terceira imagem, 5C, à esquerda, é o *ex-libris* de Álvaro Simões Correa de autoria de Alberto Childe, egiptólogo russo, radicado no Rio de Janeiro, cientista do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, considerado o primeiro egiptólogo do Brasil. Na quarta imagem, à direita, 5D, temos o *ex-libris* de Bernard Pottier, linguista francês, que estuda línguas ameríndias, especialista em semântica na língua francesa, espanhola e na filologia românica. No quinto *ex-libris*, apresentado na imagem acima, 5E, não conseguimos identificar quem pertenceu, mas somente quem o criou. A ilustração de uma tipografia para impressão de livros, 1607, é de Vittorio Zonca, engenheiro e escritor italiano, que escreveu *Teatro de Máquinas (Novo Theatro di Machine et Edificii - 1607)*, publicado em Pádua, quatro anos depois de sua morte.

Em relação às dedicatórias, são consideradas marcas de proveniência bibliográfica relacionadas às características extrínsecas do livro, como parte da história do exemplar. São importantes fontes de pesquisa disponíveis nas bibliotecas particulares.

De acordo com Faria e Pericão (2008, p.224) as dedicatórias são: “nota de autor que precede o texto de um livro, na qual ele o oferece a um amigo ou protetor como sinal de estima, homenagem, amizade ou gratidão ou como agradecimento de patrocínio”. A seguir, apresentaremos algumas dedicatórias já identificadas na Coleção Celso Cunha.

Carlos Drummond de Andrade, ao dedicar seus livros a Celso Cunha, costumava brincar com a maneira do filólogo de destacar as obras com encadernações: “Que surpresa, ver meu pobre gerente metido nesta fatiota elegante por artes de Celso Cunha”, referindo-se à encadernação bem feita de seu *O Gerente* no exemplar de Celso Cunha (ver Figura 6).

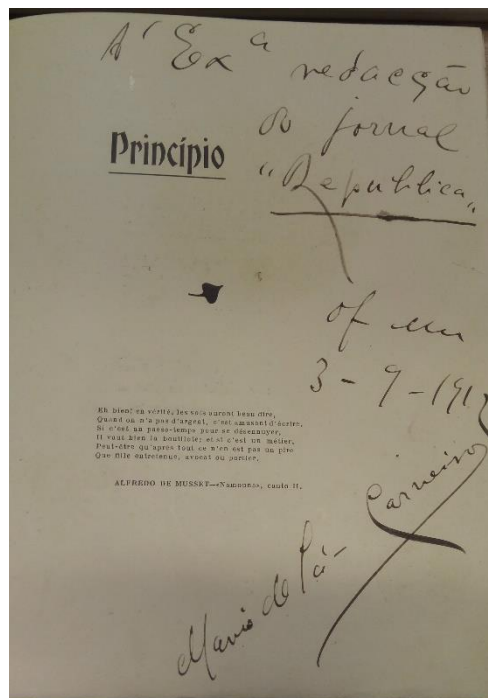
Fig. 6 - Dedicatória de Carlos Drummond de Andrade a Celso Cunha, 1987.



Fonte: imagem do arquivo da autora.

Outra dedicatória que integra o acervo é a de Mário de Sá-Carneiro, poeta português da primeira geração modernista e um dos representantes do modernismo em Portugal, juntamente com Fernando Pessoa, entre outros, que integrou a geração de Orpheu. Ele dedicou seu livro de contos *Princípios*, de 1912, à Redação do Jornal República, fundado em 1911, por Antônio José de Almeida, que combateu a ditadura salazarista (ver Figura 7).

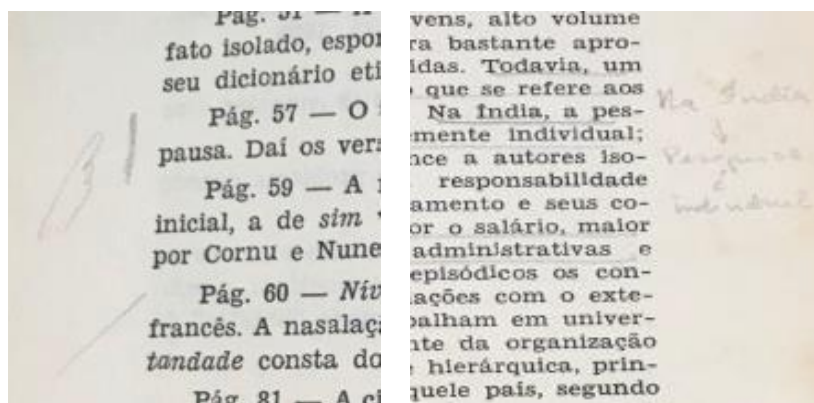
Fig. 7 - Dedicatória de Mário de Sá-Carneiro à redação do Jornal República.



Fonte: imagem do arquivo da autora

Apesar da coleção Celso Cunha ser pouco anotada, localizamos algumas obras com anotações manuscritas e marcas de leitura. Como anteriormente destacado, o professor não gostava de fazer anotações em seus livros: “à margem, fazia minúsculas anotações a lápis para não macular a obra” ou, como recorda a filóloga italiana Luciana Stegagno Picchio, “para não enfeiar o livro” (PICCHIO, 1995, p. X) (ver Figura 8).

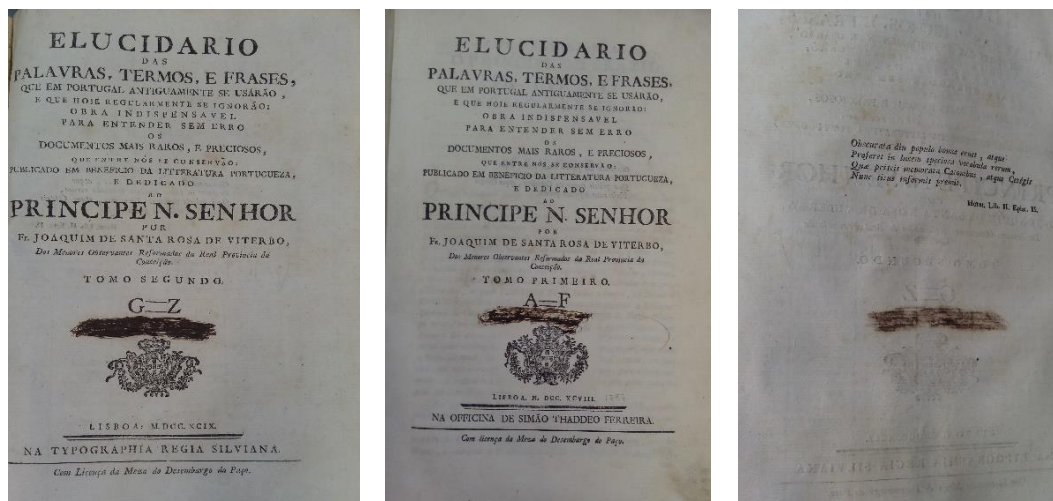
Fig. 8 - Marcas de leitura e anotações manuscritas.



Fonte: Imagens do arquivo da autora

Em algumas publicações do acervo, encontramos marcas de proveniência ilegíveis, que foram apagadas e, por isso, não foi possível identificarmos as assinaturas, conforme as imagens apresentadas abaixo (ver Figura 9):

Fig. 9 - Marcas de apagamento.

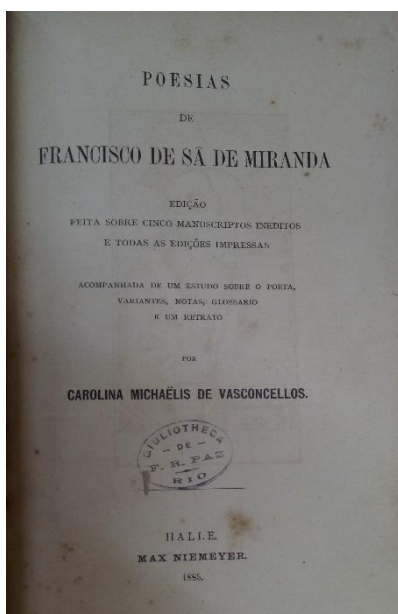


Fonte: Imagens do arquivo da autora

Outra marca, descoberta na obra *Poesias de Francisco de Sá Miranda*, de autoria de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, foi o carimbo da biblioteca de Francisco Ramos Paz. Bibliófilo, nascido em Viana do Castelo, em Portugal, em 1838, e falecido em 1919. Foi

colaborador do *Diário do Rio* e diretor da *Gazeta de Notícias*. A Biblioteca dele foi adquirida pela Biblioteca Nacional em três etapas: a primeira, em 1897-1899, por doação do titular; a segunda, em 1920, por doação de Arnaldo Guinle; e a terceira, em 1948, por compra de uma coleção de autógrafos (ver Figura 10). O catálogo de aquisição dessa coleção foi consultado para confirmarmos se não se tratava de um exemplar pertencente à Biblioteca Nacional. Na consulta, constatou-se que todos os exemplares arrolados nesse documento estavam no acervo.

Fig.10 - Carimbo da Biblioteca de Francisco Ramos Paz.



Fonte: Imagens do arquivo da autora.

As marcas de proveniência possibilitam a abertura de muitas possibilidades de pesquisa e reflexão, enquanto objetos e fontes de pesquisa. Almeja-se com essa iniciativa valorar a coleção enquanto patrimônio bibliográfico da área de Letras e contribuir para sua divulgação, dando maior visibilidade ao acervo.

Apresentou-se aqui uma síntese desse estudo preliminar das marcas de proveniência bibliográfica da coleção Celso Cunha observadas até o momento: dedicatórias, *ex-libris*, etiquetas de livrarias, anotações manuscritas e marcas de leitura. Essa pesquisa ainda está em desenvolvimento e, no momento, paralisada por conta do atual cenário de pandemia. Espera-se muito em breve pela retomada deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Daphne Conte de. *Celso Cunha e a política da Língua Portuguesa no Brasil*. 1996. 262 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) -Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- CARVALHO, Ana Paula Corrêa de. *O Curso de Especialização em Conservação de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da UFRJ: contribuições para a preservação do patrimônio*. 2017. 00 f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2018.
- CASTRO, Ivo. Celso Cunha, o não gramático. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 23-28, jan./jun. 1993.
- CUNHA, Celso. Filologia e vida. In: PEREIRA, Cilene da Cunha. (Org.). *Sob a pele das palavras: dispersos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras, 2004. p. 419-429.
- CUNHA, Cinira. *Carta ao Diretor da Faculdade de Letras, manifestando seu agrado pelo interesse da UFRJ em comprar a biblioteca particular do Professor Celso Cunha*. Rio de Janeiro, 21 de nov. 1990a. 2f.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: Edusp, 2008.
- FERREIRA, Tânia Maria Bessone. A biblioteca de Rui Barbosa no palácio dos livros. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Catálogo da biblioteca de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007. p. 28-50.
- FERREIRA, Tânia Maria Bessone. *Palácio de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros*, Rio de Janeiro, 1870-1920. São Paulo: Edusp, 2014.
- HOUAISS, Antônio. SESSÃO de Saudade dedicada ao acadêmico Celso Ferreira da Cunha. *Revista da Academia Brasileira e Letras*, Rio de Janeiro, ano 89, v. 157, p. 62-63, jan./jun.1989.
- LESSA, Ricardo. Bibliotecas particulares do Rio estão em extinção. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1979. Caderno Cidade, p. 22.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. SESSÃO de Saudade dedicada ao acadêmico Celso Ferreira da Cunha. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano 89, v. 157, p. 55-56, jan./jun.1989.
- MACULAN FILHO, Nelson. Carta a Cinira Cunha informando sobre a solicitação ao Ministério da Educação (MEC) do recurso necessário para à aquisição da biblioteca particular do Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro, 22 de jan. de 1991.

MACULAN FILHO, Nelson. *Depoimento* [maio 2018]. Entrevista concedida a Rosângela Coutinho. Rio de Janeiro: COPPE: UFRJ, 07 de maio de 2018. Tempo de duração: 40min.

MONTELLO, Josué. A missão de Celso Cunha. *Revista da Academia Brasileira e Letras*, Rio de Janeiro, ano 89, v. 157, p. 65-71, jan./jun.1989.

OLIVEIRA, Phelipe de. Sobre o acervo de Celso Cunha. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <rosangelacoutinho@letras.ufrj.br> em 24 mar.2016.

PARA lembrar Cunha: exposição e edição de livro marcam os 10 anos sem o gramático. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 nov.1999. Caderno B, p.2.

PEREIRA, Cilene da Cunha. *Celso Cunha: cadeira 35, ocupante 4*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

PICCHIO, Luciana Stegagno. Saudades de Celso Cunha. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. IX-XIII.

SALLES FILHO, Antônio. Celso: o amigo fiel. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. LXV-LXVIII.

SILVA, Alberto da Costa e Silva; MACIEL, Anselmo. *Livro dos ex-libris*. São Paulo:IOE-SP; Rio de Janeiro: ABL, 2014.